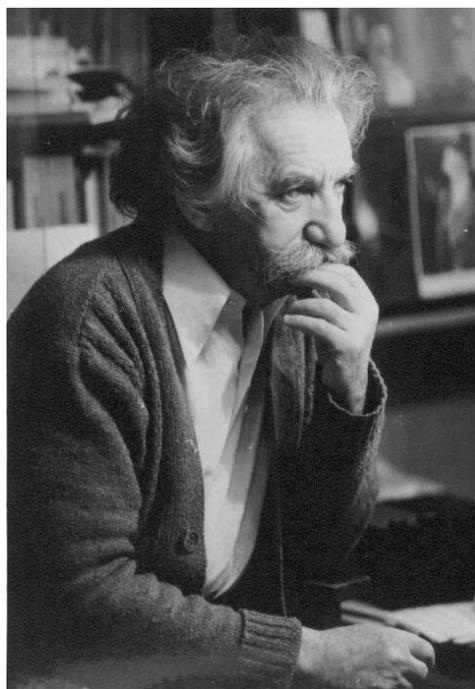


<http://dx.doi.org/10.1590/2176-457345409>



Юрий Михайлович Лотман  
Iúri Mikahilovitch Lótman  
(São Petersburgo, 1922-Tártu, 1993)

**Uma semiótica que se move entre perturbações e imprevisibilidades do tempo histórico / *Between Turbulences and Unpredictability of Historical Time: the Semiotics of Yuri Lotman***

*Irene Machado\**  
*Silvia Barei\*\**

Mais de um quarto de século se passou desde a morte do semioticista russo Iúri Lótman (1922-1993) e mais do que nunca seus pensamentos, elaborados na segunda metade

---

\* Universidade de São Paulo – USP, Escola de Comunicações e Artes – ECA, Departamento de Comunicações e Artes, São Paulo, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-1662-258X>; [irenear@usp.br](mailto:irenear@usp.br)

\*\* Universidad Nacional de Córdoba – UNC, Facultad de Ciencias de la Comunicación, Córdoba, Argentina; <https://orcid.org/0000-0003-4088-5758>; [sbareiberrueta@gmail.com](mailto:sbareiberrueta@gmail.com)

do século XX, a partir da Universidade de Tártu, Estônia, pequeno país à beira do Báltico, oferecem caminhos analíticos tão promissores para a formulação de discursos qualificados sobre a inconstância do tempo histórico, seus assombros e perturbações. Amadurecidos ao longo dos anos, tais discursos abriram caminho para muitas das prospecções semióticas do trabalho iniciado sob o signo do espaço e das relações entre culturas que se estranham mas não deixam de interagir. E Lótman construiu sua atividade semiótica indagando como culturas tão distintas podem conversar. Um pouco dessas indagações fomentam o debate necessário da semiótica da cultura hoje.

Ao acolher numa homenagem estudos dedicados a Iúri Lótman, o periódico *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso promove um encontro dialógico entre os dois pensadores que, aparentemente, também não conversaram muito. Contudo, sendo este o espaço privilegiado dos estudos de Mikhail Bakhtin, a homenagem a Lótman soa como um convite para um diálogo intelectual. Um diálogo atravessado pelos discursos de renomados pesquisadores que se dedicam ao pensamento semiótico de Iúri Lótman e do restrito grupo de semioticistas que idealizaram os trabalhos da escola Tártu-Moscú a partir dos anos de 1960<sup>1</sup>. Os investigadores que colaboraram para esta edição aprimoraram a prática de análise semiótica num quadro variado de eventos e desafios culturais que adentraram para o século XXI, que nem Lótman nem Bakhtin alcançaram. Com isso, o diálogo não só se torna mais convincente como é possível verificar continuidades e descontinuidades de questões que nos afetam. Nesse sentido, os artigos aqui reunidos sobre semiótica da cultura de extração eslava constroem uma espécie de guia atualizado de reflexões sobre o trabalho de Lótman em diálogo com as ideias de seu vasto universo intelectual, que se estendia para muito além do Báltico. Projetam, assim, caminhos para pensar o presente mantendo vivo o compromisso lotmaniano com a semiótica do tempo histórico.

O texto que abre a edição nos brinda com a palavra de um discípulo direto de Lótman, que continuou na condução dos trabalhos no Departamento de Semiótica da Universidade de

---

<sup>1</sup> O grupo inicial dos estudos semióticos em Tártu contava com a participação, dentre outros, de V. Ivánov, I. Revzin, V. Topórov, E. Mielitinski, D. Segal, A. Piatigórski, B. Ogibenin, I. Levin, B. Uspênski. Sob a liderança de Lótman, novas gerações de pesquisadores que se formavam no Departamento de Semiótica passam a integrar o grupo (GRZYBEK, 1998, p.423; MARGOLIN, 1994, p.515-20; PREVIGNANO, 1979, p.23-99; SEBEOK, 1998, p.20-39; TOROP, 1983-4, p.9-14).

Tártu. Em Teoria russa e semiótica da cultura: história e perspectivas, Peeter Torop esclarece equívocos que, por desconhecimento, cometemos em nossas análises do processo teórico russo. Para situar a distinção, constrói um quadro histórico que mostra o quanto a chamada teoria russa se ergue de bases muito distintas daquelas que encaminharam conceitos e teorias consagradas no Ocidente do pós-guerra – leia-se, na porção ocidental do continente europeu. Trata-se, inclusive, de um outro contexto de interlocução com limites historicamente delineados. Concepções tão mal compreendidas e tão massacradas como as do Formalismo russo constituíram uma ambiência teórica do contexto russo que dificilmente é considerado<sup>2</sup>. Torop acompanha todo o desenrolar das ideias que levaram, por exemplo, a semiótica da cultura à compreensão histórica na linha postulada por Iúri Tiniánov, seguida por Jakobson e reconhecida por Bakhtin, e que incidiu diretamente nos conceitos de corte sincrônico, grande tempo, transversalidade. O caminho deste alinhamento foi igualmente favorável para se chegar à formulação da noção de texto como base das tramas das relações culturais. Nesse momento, Torop examina o conjunto das concepções de I. Tiniánov, R. Jakobson, M. M. Bakhtin e I. Lótman. Contudo, não para aí, visto que se trata de um campo de reflexão crítica que evidencia sua força teórica ao se projetar em conceitos como das *inter-cross-medialidades* como processos gerados na dinâmica interna dos textos culturais. O fato é que, no alinhamento russo, a noção marcada de temporalidades – ou de grande tempo<sup>3</sup> – não estão desvinculadas de um intenso debate sobre processos evolutivos que não seguem a linearidade convencionalizada, mas operam conexões e dissipações, como postulou anos mais tarde Ilyá Prigogine<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Muitos dos conceitos formulados pelos formalistas, por mais que sejam citados, encontram resistência por parte da crítica que condena a adesão do exercício formal ao contingente. Conceitos, dentre outros, como o de singularização do procedimento estético pelo estranhamento, de Viktor Chiklónski; de linguagem poética, de Roman Jakobson; de dinâmica da evolução literária com base em series históricas, de Iúri Tiniánov; de linguagem do cinema como resultado da fotogenia e da leitura de enquadramentos, de Boris Eikhenbaum, definiriam rumos metodológicos da análise da linguagem em diferentes produções histórico-culturais do século XX. Um conjunto representativo do pensamento formalista foi reunido e publicado em português graças ao empenho de intelectuais, principalmente, Boris Schnaiderman (Ver Toledo, 1976).

<sup>3</sup> Grande tempo é uma noção formulada por M. M. Bakhtin para significar a vida da obra na cultura que, não obstante se desenrole num alinhamento histórico, a dinâmica de suas relações não se limita ao presente e se estende a épocas distintas. Neste sentido, a obra ultrapassa as fronteiras de sua época para desfrutar do grande tempo das culturas (BAKHTIN, 1989, p.449).

<sup>4</sup> Ilyá Prigogine (1917-2003), químico russo naturalizado belga, laureado com o Nobel de Química em 1977, exerceu uma grande influência no pensamento de Lótman em seu entendimento dos sistemas culturais como processos imprevisíveis. Com Prigogine, Lótman aprende a olhar o tempo histórico como um movimento que

Manter o foco no contexto russo é a demanda a ser observada e conservada nos estudos de semiótica da cultura. Nesse sentido, o estudo *A linguagem da escola Tártu-Moscou* e as traduções de Iúri Lótman no Brasil, de Ekaterina Vólkova Américo (Universidade Federal Fluminense, Brasil), apresenta um caminho de distinção e lucidez. Em primeiro lugar, por situar a demanda interna de uma análise semiótica num momento de recrudescimento do pós-guerra em que a política das proibições passa a dominar. Semiótica passa a ser uma necessidade vital para a resistência, inclusive linguística. Américo destaca como resistência o fato de os estudiosos terem criado uma linguagem hermética e terem abstraído os temas soviéticos oficiais, o que justificaria, num julgamento imediato, a adoção de uma linguagem codificada. Contudo, examinando a questão retrospectivamente, não se pode esquecer de que foi por perceber a importância dos códigos culturais que a semiótica da cultura edifica seus fundamentos na relação texto/linguagem com abertura para a compreensão de textos fundados em códigos da memória e da informação cultural. Na verdade, são mais exercícios de descoberta o que Vólkova Américo também experimenta ao discutir a tradução dos estudos semióticos da cultura no Brasil. Tudo em nome de esclarecimentos do que foi a escola Tártu-Moscou de semiótica e de seu papel histórico.

Evidentemente que o caráter e as distinções da semiótica russa soam insuficientes quando o parâmetro de consideração é o mundo intelectual europeu ocidental. Diferentemente de Bakhtin, Lótman não teve a sorte de ganhar a simpatia de inúmeros portavozes estrangeiros. Se, por um lado, as teorias foram preservadas de serem traduzidas segundo diretrizes culturais ocidentais, por outro, o pensamento não encontrou seu lugar dialógico. O estudo *A semiosfera* colocada à prova pela enunciação antroposemiótica<sup>5</sup>, de Jacques Fontanille (Université de Limoges, França), propõe confrontar três teorias: Lótman, Greimas e a moderna antropologia, partindo do pressuposto da dificuldade de constituição

---

opera por salto e dissipações, isto é, por instabilidades, choques, flutuações, orientando-se pelas descobertas de Prigogine a respeito do paradoxo do tempo como estruturas dissipativas marcadas pelo não-equilíbrio (LOTMAN, 2013; PRIGOGINE, 1996; PRIGOGINE; STENGERS, 1988.)

<sup>5</sup> Antroposemiótica refere-se ao campo conceitual em que se movem as ideias de Fontanille ao considerar a semiótica no âmbito não apenas da comunicação humana, como também dos vínculos com a antropologia. Na semiótica discursiva, compõem o campo a etnologia e práticas sociais contemporâneas (publicidade, moda, design, etc). No texto aqui publicado, Fontanille convoca o estudo de antropologia de Eduardo Viveiros de Castro que lhe serve de parâmetro para analisar o conceito de semiosfera que Lótman formula em correlação ao estudo da biosfera.

epistemológica do pensamento de Lótman. O exercício aqui não é de esclarecimentos conceituais mas de revisão crítica segundo parâmetros da tradução no universo greimasiano das concepções sobre semiosfera. Nesse sentido, pela primeira vez, podemos ler como a semiótica greimasiana traduz as concepções lotmanianas, bem como as linhas de força da semiosfera – assimetria, irregularidade, heterogeneidade – de modo a permitir inserir o conceito de semiosfera a partir das relações do quadrado semiótico greimasiano<sup>6</sup>. Trata-se de uma visão que merece ser discutida, uma vez que mostra que há muito ainda a estudar e compreender no pensamento semiótico de Lótman que, tal como o de Bakhtin e o de Jakobson, nunca se constituíram numa teoria.

O que se pode afirmar é que a semiótica da cultura pode não ter tido como ambição a construção de uma teoria ou uma epistemologia, contudo, certamente todos os seus conceitos, análises e ações se encaminharam para ser uma abordagem semiótica comprometida com o seu tempo e com as dimensões de temporalidades nele implicadas. Uma semiótica que não hesita em examinar as novas epistemes culturais, particularmente aquelas produzidas pela dinâmica dos meios de comunicação.

No estudo *Entre tempos e espaços: poliglotismo e policronismo em Iúri Lótman*, de Anna Maria Lorusso (Università di Bologna-Italia), é possível entrar em contato com essa trajetória de fundamental importância para o entendimento das relações do tempo com o espaço constituídos a partir de novas relações comunicacionais. É daí que deriva a compreensão do espaço da cultura como fronteira de conflito entre o que é próprio e o que é alheio, e em que o estrangeiro se define sempre por esse lugar dramático de não pertencer nem a um nem a outro espaço. Contudo, a descoberta do lugar do estrangeiro não esconde sua condição contraditória de situar-se igualmente em diversas temporalidades. Lorusso propõe avançar conceitualmente e formula a noção de policromia, que já encaminha o ponto de vista analítico para as relações transversalizadas das camadas e cortes sincrônicos que serão oportunamente desenvolvidas no estudo da semiosfera. Policromia implica a dinâmica

---

<sup>6</sup> Quadrado semiótico designa um modelo semântico gerativo de Julien Algirdas Greimas (1917-1992) cuja estrutura elementar não se orienta pelas oposições binárias mas sim pelas trajetórias entre estruturas de superfície das mais simples às mais complexas; do abstrato ao concreto. Partindo do mais elementar rumo ao mais complexo, é possível distinguir: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas (GREIMAS, 1990, p.157-163).

do ponto de vista, os modos de olhar para o passado, de construir memória e de projetá-la. Trata-se, pois, de considerar a indeterminação do tempo, como Lótman aprendeu com Ilyá Prigogine (LOTMAN, 1998, p.152-162; PRIGOGINE, 1996; PRIGOGINE; STENGERS, 1990).

A imersão no tempo histórico ilumina o campo conceitual de Lótman com novas formulações que o aproximam de autores ocidentais que respondiam a muitas de suas inquietações. Lótman viveu o início dos eventos que só fizeram por agravar situações que hoje alcançam o paroxismo: acirramento de convulsões, fragmentação de seu tecido social, concentração de capital, a guerra cibernética sustentando movimentos de poder e de decisão sobre o destino de milhares de seres humanos deslocados num cenário de ascensão da pobreza a patamares inaceitáveis de miséria e de colapso no equilíbrio ecológico. Tudo isso desenha um quadro de altíssima complexidade que não se restringe ao poder das novas realidades tecnológicas mas interfere irreversivelmente na natureza humana. Diante deste quadro, uma das grandes questões de Lótman retorna: o que vamos fazer conosco, com os outros, com a natureza, com toda a humanidade? Indagação presente nas obras do último Lótman (1994; 1999; 2013). Embora perpassasse sua obra e sua perspectiva de estudo histórico da semiótica, vale ressaltar aqui o pensamento de Lótman sobre questões fundamentais da complexidade, exploradas em seus últimos escritos. Nesta edição, a tarefa de proceder a um exame rigoroso das implicações desse pensamento coube à estudiosa Julieta Haidar.

O texto Iúri Lotman: a análise da cultura segundo a perspectiva da complexidade e da transdisciplinaridade, de Julieta Haidar (Escuela Nacional de Antropologia e Historia, México), discute a complexidade, não comparando teorias, mas refletindo sobre três eixos articulatórios da análise lotmaniana da cultura como semiosfera – conceito que foi sendo formulado ao longo de sua percepção da cultura em sua dinâmica espaço-temporal. Ganhou força teórica nos últimos textos antes de sua morte em 1993. Haidar adota três frentes em seu estudo: numa retoma o conceito de semiosfera em seu caráter dialético e polissêmico, gerado pela dinâmica da fronteira semiótica entre seus textos que, em diálogo, operam tradução cultural, intercultural e transcultural; em outra, reposiciona a condição da cultura face a fenômenos como o “anticultural” e a “não-cultura”, visto que neles se constituem semiosferas distintas; e, em outra última, relaciona a noção de imprevisibilidade nos processos culturais

como premissa para a complexidade e a transdisciplinaridade, que são examinadas a partir de fenômenos culturais recentes, como os fluxos migratórios contemporâneos e as matrizes *decoloniais* no mundo globalizado.

No âmbito dos conflitos nas fronteiras culturais, as interações só são possíveis se for considerada a variável da incomunicabilidade, contra a qual a tradução se coloca como mecanismo modelizante. Já nos anos de 1950, os semioticistas da cultura contam com operadores que dirigiam um olhar dialógico para as relações culturais que, dimensionadas pela variável paradoxal da incomunicabilidade – visto a natureza interativa das relações humanas – tornaram-se uma dominante de exclusão no mundo de muitas divisões derivadas do pós-guerra. Desde aquela época, Lótman entendeu a informação como um mecanismo gerador de estruturalidade baseado em fatores semióticos-culturais. Com isso ele não queria dizer outra coisa que não fosse marcar a presença ascendente dos códigos nas relações (inter)culturais. O que vemos hoje nos quadros dos grandes fluxos de deslocamentos provocados por confrontos bélicos, étnicos, religiosos? Nada mais que um estreitamento nos vínculos entre memórias informacionais – das comunidades deslocadas, das culturas e das próprias linguagens. Um pensamento desta qualidade se orienta, sobretudo, pela compreensão da semiose cultural do tempo histórico em sua total complexidade.

Compreender o papel da natureza cibernética da comunicação em tempos históricos de mediações digitais dos processos numéricos seria tarefa fundamental, que poucos conseguem reconhecer ainda hoje, em pleno século XXI. Nos anos de 1950, o contexto soviético vivia intensamente a era do Sputnik e a vida era dominada por prospecções de domínio geopolítico do espaço. Com exceção de V. Ivánov (1977, p.27-38), os demais semioticistas da cultura não trataram diretamente da descoberta científica mas sim do processo modelizante que foi possível deriva do processo de cibernização cultural. Quer dizer: a possibilidade de se trabalhar com modelos de comunicação e de produção de linguagem, em níveis cada vez maiores de abstração, a partir de códigos culturais (não de modelos). O estudo Lótman e o procedimento modelizador: a formulação sobre “invariante intelectual” da cultura, de Regiane Nakagawa (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Brasil), contextualiza o conceito e o contexto da modelização como esse processo de abstração da linguagem pela codificação. Busca fundamentar sua premissa não apenas no

âmbito da cibernética como também no diálogo com a fenomenologia de C. S. Peirce, particularmente em seus estudos esquemáticos sobre o *grapho* existencial, que muito nos ajuda a entender o processo diagramático da ação dos códigos nas linguagens e nos textos de cultura. O estudo se encaminha para situar os processos de autorregulação da cultura quando, em movimentos de imprevisibilidade, a definição do novo só pode resultar das regulações internas do próprio sistema.

Evidentemente um sistema cultural que orienta o pensamento semiótico a respeito da imprevisibilidade não poderia deixar de ter, ele próprio, um dispositivo modelizador. Os semioticistas da cultura encontram esse dispositivo na arte: o sistema que não apenas gera códigos e linguagens como também move-se pelas esferas da imprevisibilidade geradas no interior de previsibilidades. Ainda que tenham sido articuladas desde os primeiros estudos, é o Lótman tardio que empreende uma compreensão sistemática dos processos explosíveis imprevisíveis no qual o texto artístico nasce e do qual se alimenta. Ao observar que a arte produz textos que desafiam e transgridem regras e normas, Lótman estende sua percepção para textos culturais da literatura, artes plásticas, teatro, ópera, dança, cinema e desenhos animados, que levam às últimas consequências as transgressões.

No estudo *O tonto e o louco: notas sobre a cena cultural contemporânea*, Pampa Arán (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina) examina como, ao buscar nas figuras dos loucos e dos tontos, Lótman não apenas se coloca ante personas paradigmáticas dessa subversão atuante no interior do sistema cultural como também cria possibilidades de alcançar os movimentos reversivos na relação centro periferia. Além de confrontar dimensionalidades na semiosfera, as figuras redesenham quadros de relações de imprevisibilidade. O trabalho abre o conjunto de estudos que se dedicam ao tema do estranho, do fora de lugar, do fora da lei como forma de alcançar procedimentos culturais de convivência em fronteiras de luta. É o caso do estudo *Semiótica do absurdo e do sem-sentido: uma perspectiva lotmaninana*, de Aleksei Semenenko (Umeå University, Sweden), em que o absurdo é focalizado como fenômeno semiótico-linguístico, uma vez que a produção de sentido não se limita a significados mas extrapola limites e acolhe constituintes paradoxais, tais como ruídos, erros e equívocos. Ao examinar textos literários já consagrados, o estudo

evidencia como parte constitutiva da cultura humana o “não-sentido”, o absurdo, bem como todo o indeterminismo de seus usos.

A semiótica da cultura parte necessariamente da ideia de que somos sujeitos da linguagem e incansáveis agentes produtores de textos culturais diversificados. Traduzir o mundo é a demanda imediata da relação com o entorno, o que fazemos com a modelização de códigos e linguagens de acordo com diferentes posições ideológicas, experiências, sentimentos, conhecimentos. Em última análise, transformamos em ordem, em organização, em modelos, em razões as informações dispersas e indeterminadas. Tudo isso faz parte de um único e mesmo gesto político, uma vez que é por meio da semiose cultural que informações se tornam textos tramados pela história e que movimentos convergentes (como as transformações de códigos culturais) e divergentes (como as experiências imprevisíveis das descobertas científicas e artísticas) resgatam Na linha de investimentos a respeito da política dos textos culturais se inscrevem os estudos sobre movimentos imprevisíveis e explosivos e, sobretudo, sobre a memória e os espaços culturais de projeção de condições históricas opressoras.

O texto Lótman continua a surpreender: revoluções e emoções coletivas, de Laura Gherlone (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina), se dedica ao exame da construção cultural de seres avessos a normas: o bárbaro, o bode expiatório, as bruxas. Pelo estudo semiótico de tais grupos, o estudo encaminha o entendimento de Lótman sobre certos efeitos como o medo e a histeria coletiva, ao mesmo tempo em que situa historicamente o papel da mulher em tais movimentações. Presta assim uma contribuição ao estudo da semiótica do medo que, evidentemente, torna-se a grande trava para se pensar na liberdade. Nisso sua reflexão continua imbatível. Seu entendimento sobre o que cada época entende por liberdade dentro do mecanismo da cultura, sobre o conjunto de relações que mantêm na semiosfera, a posição diante da agressão, se organiza num pensamento que lhe é muito caro: não saberemos o que é a liberdade se não conhecermos nossos limites, diz Lotman, afinal, não existe liberdade sem fronteiras, sem limitações sociais, políticas, culturais e, muitas vezes, sem violência, sem luta, sem convulsão.

Os estudos sobre o bárbaro orientam-se para o passado mas projetam-se para regiões tangíveis do futuro. Em Memória do futuro, explosão, pancronia: a semiótica de Lótman e

os estudos da memória e do tempo nas teatralidades juvenis, de Monica Rebecca Ferrari Nunes (Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, Brasil) examina-se o quanto o tempo histórico é flexibilizado em representações que não se orientam por uma linha progressiva. Nesse contexto ganha espaço o trabalho da memória que, em Lótman, se reveste de uma qualidade dinâmica de desdobramento e movência em deslocamentos no tempo e no espaço. Com isso, a semiosfera dos textos culturais pode ser dimensionada em sua pancronia. O estudo toma como campo empírico movimentos juvenis que teatralizam épocas em aparições que socialmente relembram celebrações ritualizadas fora do tempo e do espaço vivenciais mas perfeitamente inseridas num *continuum* das movimentações criativas transformadoras.

Como forma de assegurar uma visão integradora do pensamento semiótico de Lótman, reservou-se para o fechamento da edição o estudo que procura situar o conceito de imprevisibilidade – tal como formulado no livro editado postumamente<sup>7</sup> – no conjunto da obra de Lótman, já que os escritos foram realizados em sua fase hospitalar com auxílio de datilógrafas. Em Sobre as questões da imprevisibilidade na cultura: o legado de Lótman para a compreensão dos mecanismos e trabalhos da semiosis da cultura, o grupo de pesquisadores da semiótica da cultura, Andreia Moura, Douglas Galan e Livia Machado (Universidade de São Paulo – USP, Brasil), se empenharam em traduzir para o português e produzir um relato de suas pesquisas a respeito de conceitos que sustentam a dinâmica das relações dialógicas na semiosfera cultural. Além do enfrentamento dos conceitos, buscam proceder ao refinamento de processos que a arte elabora como parte de suas atividades de descoberta e de experimentação em diferentes campos culturais. Nesse sentido, se graças à plasticidade de seus procedimentos toda criatividade artística caminha para a explosão, então os comportamentos da arte manifestam-se de diferentes formas como produções culturais. Daí a necessidade de revestir de um olhar esteticamente constituído para acolher tais explosões. Um raciocínio desta natureza torna a arte a fonte inesgotável dos mecanismos semióticos da

---

<sup>7</sup> Na obra póstuma (LÓTMAN, 1994 [edição em italiano]; 2013 [edição em russo, estoniano e inglês]), o conceito de imprevisibilidade orienta o pensamento sobre os mecanismos da cultura que, no contexto de um desenvolvimento gradual, propicia a emergência de instabilidades e indeterminações que levam aos acontecimentos imprevisíveis, o que Lótman examinou em diferentes contextos: da arte à política, da ciência aos costumes, à moda e às práticas sociais.

cultura, que existe tanto nas linguagens como nos mais diversos textos da cultura, sejam eles construídos como ciência, política, ideologia, enfim, mundo social.

Lótman procurou conhecer, ao longo de sua vida, os mecanismos semióticos da cultura em sua vasta diversidade e mobilidade multidimensional. Deixou um legado que continua a dialogar com gerações de estudiosos ávidos para serem sujeitos históricos dos conhecimentos que produzem a respeito dos desafios armados pelas fronteiras da imprevisibilidade. Poderíamos dizer o seguinte: quando o pensamento de Lótman atingiu o ponto final em 1993, houve, de fato, um ponto final delimitado pela morte. Não obstante, tal irreversibilidade ali mesmo, naquele ponto, mobilizou seu pensamento e o lançou para desafios e provocações com novas perguntas sobre formulações que ele anunciara sem maiores desenvolvimentos, tal como o fizera, igualmente, Bakhtin em seu tempo. Uma nova turbulência, uma espécie de fora de enquadramento, de variação de significados manifestos, passa a convocar outros movimentos indagativos, outros caminhos reflexivos e outras prospecções.

Quando a revista *Bakhtiniana* abre espaço para que o pensamento semiótico de Lótman passe a conviver com o espaço de diálogo construído pelos estudos do Círculo de Bakhtin, é grande o sentimento de que os esforços empreendidos pelos semioticistas da cultura não foram em vão. Apesar de a escola Tártu-Moscou ter florescido num terreno de tanta adversidade, não é nada obtuso pensar que o conceito de semiosfera só poderia ser fruto de noções emergentes de um campo de luta e de resistência em espaços de hegemônias consagradas.

As organizadoras responsáveis pela editoria *ad hoc* do presente número agradecem aos Editores Científicos de periódico tão renomado a oportunidade de ampliar o espectro dos discursos aqui enunciados por estudiosos de tão variados centros de pesquisa e de interesses. Aos colaboradores, nosso particular reconhecimento. Aceitem nosso “obrigado” ressoando nas diversas línguas de cada uma das culturas que vieram compor a fronteira semiótica com este espaço privilegiado de diálogo.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. Respuesta a la pregunta hecha por la revista *Novy Mir*. In: BAKHTIN, M. M. *Estética de la creación verbal*. Mexico, DF: Siglo Veintiuno, 1989, p.346-353.
- EIKHENBAUM, B. Littérature et cinema. In: ALBERA, F. (org.). *Les formalistes russes et le cinema*. Paris: Nathan, 1996.
- GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. *Semiótica*. Dicionário razonado de la teoría del lenguaje. Madrid: Gredos, 1990.
- GRZYBEK, P. Moscow-Tartu School. In: *Encyclopedia of Semiotics*. In: BOUISSAC, P. (Ed.). New York-Oxford: Oxford University Press, 1998, p.423.
- IVANOV, V.V. The Role of Semiotics in the Cybernetic Study of Man and Collective. In: *Soviet Semiotics. An Anthology*. LUCID, D. P. (Ed). Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1977.
- LOTMAN, I.M. La memoria de la cultura. In: LOTMAN, I. M. *La semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Selección y traducción del ruso de Desiderio Navarro. Valencia: Cátedra, p.152-162.
- LOTMAN, J. M. *Cercare la strada*. Modelli della cultura. Trad. Marcialis. Venezia: Marsilio, 1994.
- LOTMAN, J. M. *The Unpredictable Workings of Culture*. Tallin: University of Tallin Press, 2013.
- LOTMAN, Y. M. *Cultura y explosión*. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. Trad. D. Muscheti. Barcelona: Gedisa, 1999.
- MARGOLIN, U. Moscow-Tartu School. In: GRODEN, M.; KREISWIRTH, M. Eds. *The Johns Hopkins Guide to Literary Theory and Criticism*. Baltimore-London: The Johns Hopkins University Press, 1994, p.515-20.
- OEVER, A. van den. (Ed.). *Ostrannenie*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010.
- PREVIGNANO, C. Una tradizione scientifica slava tra linguística e culturologia. In: PREVIGNANO, C. (Ed.) *La semiótica nei paesi slavi: programmi, problemi, analisi*. Milano: Feltrinelli, 1979, p.23-99.
- PRIGOGINE, I. *O fim das certezas*. Tempo, caos e as leis da natureza. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: EDUNESP, 1996.
- PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. *Entre o tempo e a eternidade*. Trad. Florbela Fernandes e José Carlos Fernandes. Lisboa: Gradiva, 1990.
- SEBEOK, T. A. The Estonian Connection. In: *Sign Systems Studies*, 1998, n. 26, p.20-39.
- TOLEDO, D. O. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.
- TOROP, P. Semiotics in Tartu. *Sign Systems Studies*, 1998, n. 26, p.9-14.